

Processo de acesso, permanência e conclusão no ensino superior: de *outsider* a estabelecido

Process of access, permanence and conclusion in higher education: from outsider to established

Andrea Abreu Astigarraga¹

Resumo

O objetivo deste artigo é tematizar os processos de acesso, permanência e conclusão de curso superior, mediante um estudo de caso que toma como referência a trajetória de uma jovem egressa de um curso seletivo (Enfermagem) de uma instituição pública (Universidade Estadual Vale do Acaraú) e que na infância vivenciou o trabalho infantil no campo. A perspectiva adotada é a da pesquisa (auto) biográfica e o método utilizado para a coleta e a análise das fontes autobiográficas foi o da entrevista narrativa, concebido por Shütze (1983). Para a análise dos processos estudados recorreremos às noções de *outsiders* e estabelecido propostos por Elias & Scotson (2000).

Palavras-chave: Ensino superior. Acesso. Permanência. Estabelecidos. *Outsiders*.

Abstract

this article aims to broach about the process of entering, staying and graduating in a college, through a case study that take as reference the path of a girl who comes from a selective course (Nursing) in a public institution (Universidade Estadual do Vale do Acaraú) and has experienced the child labour in its field. The adopted perspective is a bibliographic research, and the method used to collect and analyze the bibliographic sources was the narrative interview, designed by Shütze (1983). For analysing the stidied procedures some notions of outsiders and postulates by Elias & Scotson (2000) were required.

Keywords: Higher education. Access. Sojourn. Postulates. Outsiders.

¹ Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).
Contato: aas.tigarraga@hotmail.com

Introdução

O objetivo deste artigo é tematizar os processos de acesso, permanência e conclusão de curso superior, mediante um estudo de caso que toma como referência a trajetória de uma jovem egressa de um curso seletivo (Enfermagem) de uma instituição pública (Universidade Estadual Vale do Acaraú) e que na infância vivenciou o trabalho infantil no campo.

A metodologia utilizada foi a pesquisa (auto) biográfica e a entrevista narrativa, concebido por Shütze (1983). Para a análise dos processos estudados recorremos às concepções de *outsiders* e estabelecido propostos por Elias & Scotson (2000).

O estudo sugere a importância do núcleo familiar no processo de acesso ao ensino superior, analisa as estratégias de enfrentamento e de superação que garantiram a permanência no curso e o processo de inserção profissional e sinaliza, finalmente, como se anuncia o reconhecimento de si pelo outro diante das conquistas alcançadas. Estima-se que uma trajetória de vida sugere pistas de investigação pertinentes para se conhecer melhor os conflitos e modos de superação dos processos de inclusão/exclusão, suscetíveis de subsidiar políticas públicas internas às instituições de ensino que priorizam a inclusão de alunos de baixa renda no ensino superior.

Estabelecidos e *Outsiders*

As palavras *establishment* e *established* são utilizadas, em inglês, para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma *boa sociedade*, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato de ser um modelo moral para os outros. A identidade social destes últimos é a de um grupo. Eles possuem um substantivo abstrato que os define como um coletivo: são os *establishment*. Os ingleses utilizam os termos *established* para designar a *minoria dos melhores* nos mundos sociais mais diversos: os guardiões do bom gosto no campo das artes, da excelência científica, das boas maneiras cortesãs, dos distintos hábitos burgueses, a comunidade de membros de um clube social ou desportivo. O termo *establishment* é uma palavra rigorosamente intraduzível, pois descreve uma forma *tipicamente inglesa* de conceituar as relações de poder, de um modo

abstrato ou puro, independente dos vários contextos concretos nos quais essas relações podem se realizar.

Na língua inglesa, o termo que se opõem a relação é *outsiders*, os não membros da *boa sociedade*, os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*. Os *outsiders* existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social.

As categorias - estabelecidos e *outsiders* - se definem na relação que as nega e que as constitui como identidades sociais. Os indivíduos que fazem parte de ambas estão, ao mesmo tempo, separados e unidos por um laço tenso e desigual de interdependência. Superioridade social e moral, autopercepção e reconhecimento, pertencimento e exclusão são elementos dessa dimensão da vida social que o par estabelecidos - *outsiders* ilumina exemplarmente: as relações de poder.

A força da sociologia de Elias e Scotson (2000) consiste em mostrar de modo empiricamente consistente o conteúdo universal dessa forma singular de relações de poder. Todos os grupos humanos tendem a estabelecer uma atitude de *desvalorização* com relação a outros grupos em menor ou em maior grau. São modelos relacionais de contraposição. As relações entre estabelecidos e *outsiders* se pautam no fato de um grupo sempre buscar excluir o outro das chances de poder e *status*, conseguindo monopolizar essas chances. A exclusão pode variar de modo e grau, pode ser total ou parcial, mais forte ou mais fraca. Também pode ser recíproca. Na opinião dos autores existem graus distintos de tolerância e intolerância entre os grupos de estabelecidos e *outsiders*, geralmente os setores mais inseguros (com relação ao seu valor) do grupo estabelecido tendem a mais aguda hostilidade na estigmatização dos grupos *outsiders*. São estes que lutariam para garantir a estabilidade da fronteira entre os dois grupos.

A sociodinâmica da estigmatização, ou seja, as condições em que um grupo consegue lançar um estigma sobre o outro, merece atenção no contexto universitário. É comum não se distinguir a estigmatização grupal e o preconceito individual e não relacioná-los entre si. A estigmatização deve ser encontrada ao se considerar a figuração formada pelos grupos implicados, ou seja, a natureza de sua interdependência. A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Esta também é a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo estabelecido.

Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Ergue-se uma barreira emocional entre os dois grupos. Há um preço a pagar pela posição ocupada. A participação na superioridade de um grupo e em seu carisma grupal singular é a recompensa pela submissão às normas específicas do grupo: a rígida lógica dos afetos. O contato com os *outsiders* ameaça o “inserido” de ter seu status rebaixado dentro do grupo estabelecido. A pobreza, a cor da pele, etc., exercem “função objetificadora” de estigmatização.

Quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, os *outsiders* vivenciam efetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana. Tão logo diminuem as disparidades de força, ou seja, a desigualdade do equilíbrio de poder, os grupos *outsiders* tendem a retaliar. Quando os *outsiders* começam a ser insultuosos é sinal de que a relação de forças está mudando. A principal privação sofrida pelo grupo *outsider* não é a privação material. “Que nome devemos dar? Privação de valor? De sentido? De amor-próprio e auto-respeito?”

Uma vez evidenciado o problema da distribuição das chances de poder que está no cerne das tensões e conflitos entre estabelecidos e *outsiders*, torna-se mais fácil descobrir um problema subjacente, que costuma passar despercebido. Os grupos ligados entre si sob a forma de uma configuração de estabelecidos-*outsiders* são compostos por seres humanos individuais. O problema é saber como e por que os indivíduos percebem uns aos outros como pertencentes ao mesmo grupo e se incluem mutuamente dentro das fronteiras grupais que estabelecem ao dizer “nós”, enquanto, ao mesmo tempo, excluem outros seres humanos a quem percebem como pertencentes a outro grupo e a quem se referem coletivamente como “eles”.

Abordagem (auto)biográfica: olhares cruzados do sujeito e do pesquisador

Inspirados nos trabalhos que se ocupam com as trajetórias e as estratégias dos sujeitos provenientes das camadas populares, em meados dos anos 1990, é que alguns olhares se voltaram para universitários pobres enquanto sujeitos de estudo (PORTES, 2006).

O pesquisador pode optar em desviar das questões macroestruturais para mergulhar no interior da universidade à procura de compreender, descrever e analisar a trajetória pessoal e escolar dos sujeitos e privilegiar suas ações. Mas

para a pesquisa (auto)biográfica, adota-se a perspectiva do indivíduo sobre a realidade social, seu próprio olhar sobre o contexto em que está inserido, e que, dialeticamente, relaciona com suas interações interpessoais.

Além de enfatizar a importância de pesquisas voltadas para a reconstrução da perspectiva do indivíduo sobre a realidade social em que ele vive e que também é construída e modificada por ele, Schütze (1983) contribuiu significativamente para a retomada e re-significação da pesquisa biográfica nas ciências sociais e em educação, direcionando a análise para as estruturas processuais dos cursos de vida, ou seja, para os elementos centrais que *moldam* as biografias e que são relevantes para a compreensão das posições e papéis ocupados pelos indivíduos na estrutura social. De acordo com o autor:

[...] é importante perguntar-se pelas estruturas processuais dos cursos da vida individuais, partindo do pressuposto que existem formas elementares, que em princípio (mesmo apresentando somente alguns vestígios), podem ser encontradas em muitas biografias. Além disso, existem combinações sistemáticas dessas estruturas processuais elementares, que, enquanto tipos de destinos pessoais de vida possuem relevância social (SCHÜTZE, 1983 apud WELLER, 2008, p.04).

A análise de narrativas está diretamente associada a um tipo específico de entrevista, também desenvolvido por Schütze e denominado como *entrevista narrativa* (WELLER, Idem, Ibidem). A entrevista narrativa não foi criada com o intuito de reconstruir a história de vida do informante em sua especificidade, mas de compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia (WELLER, Idem, p.06).

Utilizamos a proposta de Schütze, descrita por Bauer e Jovchelovitch (2003, p.106). A proposta original se desenvolve em seis passos: primeiro: transcrição detalhada do material verbal; segundo: divisão do texto em material indexado e não indexado; terceiro: utilização do material indexado para analisar e ordenar os acontecimentos para cada narrativa e construir a “trajetória” do sujeito; quarto: transformação do material não-indexado em “análise do conhecimento”; quinto: agrupamento e comparação entre as trajetórias individuais; e sexto: identificação de trajetórias coletivas.

Para realizar um estudo de caso com a entrevista narrativa de Maria, seguimos a proposta de Schütze até o quarto passo. Primeiro, uma das

pesquisadoras realizou pessoalmente a gravação e transcrição da entrevista. Posteriormente, no segundo passo, dividimos o texto em material indexado e não-indexado. O material indexado são as referências concretas a “quem fez o que, quando, onde e por quê” (BAUER & JOVCHELOVITCH, 2003, p.106). No terceiro passo, construímos a trajetória pessoal de Maria com o material indexado. Por fim, no quarto passo, com o material não-indexado, construímos a “análise do conhecimento”.

O material não-indexado (proposições descritivas e argumentativas) “vão além dos acontecimentos e expressam valores, juízos e toda forma de uma generalizada “sabedoria de vida”” (BAUER & JOVCHELOVITCH, 2003, p.106). Descrições se referem a como os acontecimentos são sentidos e experienciados, aos valores e opiniões ligados a eles, e às coisas usuais e corriqueiras. A argumentação se refere à legitimação do que não é aceito pacificamente na história e as reflexões em termos de teorias e conceitos gerais sobre os acontecimentos (Idem. Ibidem).

Essa etapa da análise tem como objetivo principal a identificação das diferentes estruturas processuais no curso da vida, tais como: “etapas da vida arraigadas institucionalmente; situações culminantes; entrelaçamento de eventos sofridos; pontos dramáticos de transformação ou mudanças graduais; assim como desenvolvimentos de ações biográficas planejadas e realizadas” (SCHÜTZE, 1983, WELLER, s/d, p.07).

Trajetória Pessoal

Maria tem 26 anos, nasceu em um sítio distante treze quilômetros do distrito de São Benedito, na região norte do estado do Ceará. O pai é agricultor e a mãe é dona de casa. É a quinta filha, entre oito irmãos, sendo os quatro primeiros, filhos homens. Desde criança, aos sete-oito anos de idade, ajudava o pai e os irmãos com o trabalho na roça, principalmente no período de colheita. Os irmãos homens trabalhavam todos os dias e no período de plantação, o pai levava todos os filhos. Ela conta que o pai era exigente na disciplina eles trabalhavam sério. Ela lembra que teve que trabalhar muito cedo, desde criança, “a gente teve aquela responsabilidade, meu pai sempre dizia: “Vocês vão ter que estudar, é a única opção de vocês é estudar, não tem pra onde correr, eu não posso dar nada para vocês””. Semelhante a centenas de sertanejos da região do semi-árido, seu pai viaja para região sudeste, geralmente no segundo semestre do ano, porque devido ao estio, não tinha condições para plantação. Seu pai ficava em

outro estado, às vezes um ano, dois anos, e, neste ínterim, quem cuidava da roça eram seus irmãos mais velhos, sua a mãe. Depois, ele voltava. Maria lembra que essas viagens duraram até ela completar quatorze anos.

A trajetória de vida e escolar da informante foi muito difícil. Segundo ela, “era uma incerteza, todos os dias”. Ela e os irmãos acordavam muito cedo, cinco e meia da manhã para chegar à escola às sete horas. Muitas vezes eles não se alimentavam, merendavam na escola de manhã, a gente não comia mais, “foi complicado”. O problema é que não tinha transporte do sítio onde eles moravam à escola. Então, eles caminhavam uns dois km até a BR e lá eles esperavam carona. Essa era a rotina: todos os dias, eles tinham que conseguir uma carona. Na volta da escola para casa era mais difícil. Eles voltavam a pé, treze km a pé, ou então, ficavam esperando e chegavam à sua casa quatro-cinco horas da tarde. Essa rotina sofrida melhorou depois de cinco anos quando o prefeito colocou transporte para pegar e levar as pessoas ao Sítio.

A mãe e o pai de Maria foram muito significativos em sua vida, inclusive no seu processo de escolarização. A pesar do pai não ser letrado, era muito exigente com os estudos dos filhos. Ao contrário do pai, a mãe é letrada, estudou até a sexta série e sempre ajudava aos filhos nas dificuldades para realizar as tarefas escolares em casa. A universitária destaca o companheirismo de um dos irmãos que também era seu colega na sala de aula. Entre os dois, havia a troca de conhecimentos e ajuda mútua. Ele a ajudava com os conteúdos de Matemática e, ela, nos conteúdos de Língua Portuguesa.

No entanto, o irmão mais velho - João - que teve forte influência em sua trajetória pessoal e escolar. Ele saiu primeiro do sítio, onde a família morava e migrou para o distrito de Sobral. Iniciou o curso de Matemática, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Já envolvido nas coisas da universidade, estudante de matemática e estagiário, todas as semanas ele ligava para os irmãos. Para tanto, precisavam realizar a seguinte estratégia: João mandava um aviso pela rádio, os irmãos se deslocavam para outro sítio diferente de onde eles moravam, e esperavam a ligação em um telefone público (orelhão).

Quando João foi estudar na UVA, Maria e João – seu irmão e colega de sala de aula - faziam o primeiro ano do Ensino Médio. E quando chegaram ao terceiro ano no Ensino Médio, foram fazer vestibular em Sobral, na UVA e o irmão mais velho –João– teve uma conversa com eles decisiva para seus futuros. Os dois irmãos fizeram vestibular e foram aprovados. Ela entrou no curso de Enfermagem em 2004.1, através do vestibular, terminou em 2008.1.

Na data marcada para realizar a matrícula, a angústia de não ter o valor para pagar. Mas, o irmão providenciou e eles iniciaram suas vidas acadêmicas. Logo no início do curso, outro obstáculo para Maria: o curso de enfermagem era realizado em tempo integral. Com isso, criou-se a dificuldade de não poder estudar e trabalhar ao mesmo tempo para a subsistência pessoal e dos irmãos. Porém, como os cursos dos outros irmãos não eram integrais, eles estudavam e trabalhavam e, cobriam as despesas da irmã.

A sociabilidade com os colegas de turma foi pendular. No início do curso, ela conta que era muito tímida, ficava na faculdade mais pra estudar, não interagia com os colegas, ficava isolada. Expressa em seus relatos que sofreu preconceitos tanto por parte dos colegas quanto por parte dos professores. Esses preconceitos eram originados pela sua origem sócio-econômica: filha de agricultores com pouca escolarização e egressa da escola pública. No final do curso, essa vivência de exclusão se transformou e, ela passou do *status* de *outsider* para o de estabelecida.

Sua trajetória na universidade foi igualmente pendular. O estigma a acompanhou o percurso inteiro. No entanto, seu aproveitamento acadêmico e sua experiência como bolsista de iniciação científica, mas, principalmente, seus traços de personalidade e seu repertório de valores morais apreendidos no seio familiar, foram decisivos na mudança de seu *status*. Ela conta que no quinto período teve uma disciplina muito difícil, e na turma de quarenta alunos a metade foi reprovada. Durante o curso, ela foi bolsista de iniciação científica, durante dois anos.

O projeto era sobre o papel do Comitê de Ética na universidade. Então, começou a participar das pesquisas com a professora, apresentar os trabalhos na iniciação científica. Ela lembra que esta experiência acadêmica foi muito importante para sua vida acadêmica. Maria passou a estudar mais, motivada pela pesquisa onde estava inserida e pelo incentivo recebido de sua orientadora. Depois de concluir o curso de Enfermagem, a informante foi aprovada em um teste de seleção Santa Casa. Atualmente, trabalha na maternidade do hospital. Neste mesmo local, trabalha outra professora do curso, que também trabalha na Santa Casa. Maria conta que a referida professora sempre lhe pedia para ela aula, em sua turma. Com isso, Maria foi contratada, como professora colaborada do curso de Enfermagem na UVA.

Trajatória de mobilidade social

O processo de acesso ao Ensino Superior: a solidariedade familiar Pai-Mãe-Irmão

Ao descrever e explicar sua constelação familiar, Maria dá ênfase à figura do pai. E, realmente, o pai foi uma referência significativamente forte em sua vida. O pai os acompanhava no trabalho diário na roça. Em várias situações, aproveitava para “dar uma lição”. No entanto, quando perguntei sobre sua mãe, a emoção aflorou e interrompemos a gravação para ela chorar. Depois, mais calma, expressou que a mãe é a pessoa calma e doce que sempre cuidou dos filhos.

Verificamos em sua descrição, os valores recebidos pela família. Na visão futurista do pai, os filhos tinham que estudar para sair do contexto da roça, mudar de vida. Havia valorização da escola pelo pai: “Eu trabalho sozinho e vocês vão para a escola”. Segundo Maria “Ele cobrava, ele ensinava e depois e ele pedia para a gente ficar fazendo: “Faça isso”. A gente errava, ele brigava: “De novo”. Até a gente conseguir fazer”. Então, o processo formativo do pai incluía dedicação, disciplina, idéia de processo, concepção cooperativa sobre os estudos: os irmãos não competem, se ajudam.

Um aspecto da formação recebida pelo pai que lhe marcou o caráter foi ter apreendido que tinha que respeitar, não deveria discutir com as pessoas: “Não bata de frente com ninguém”. Essa postura a acompanhou até a universidade. Embora ouça conselhos para “ter mais posição”, ela justifica que não consegue se impor devido à forma como foi criada, mas vai tentando superar a educação que recebeu do pai. Essa crítica à educação recebida lhe ajudará nas dificuldades enfrentadas na universidade, posteriormente, porque refletindo sobre ela, mudará sua postura diante dos preconceitos sofridos pelos colegas de curso.

Verificamos que Maria compõe um misto entre o caráter forte, decidido do pai, que a impulsiona para seguir em frente na vida e migrar da experiência de trabalho na infância até chegar à universidade. Por outro lado, a emoção ao falar da mãe demonstra que a mulher “silenciosa” que ficava na retaguarda das decisões do pai, era a pessoa que transmitia o outro lado da personalidade: a doçura, a calma.

A atuação dos pais no acompanhamento dos estudos iniciais da filha reflete essa dupla relação força/delicadeza. O pai, não letrado, sempre verificava

as avaliações da escola. A mãe, que estudou até o quinto ano, ajudava os filhos nas tarefas e tentava esconder a sua frustração, mas não passava despercebida aos filhos. Então, por um lado o pai a incentivava a enfrentar os obstáculos, e, a mãe se sensibilizava com as dificuldades da filha.

Esta influência complementar dos pais em sua formação foi emblemática quando ela chegou em Sobral, ligava e dizia: “Mãe, eu não vou ficar aqui, eu não gosto, eu vou voltar pra casa”. E a mãe respondia: “Volte minha filha”. E ai, do lado, o pai dizia: “Você vai ficar ai, ai é seu lugar, a vida é assim, vai ser muito mais difícil depois. Isso é só o começo!”.

Além da influência dos pais, Maria também teve o irmão mais velho como pessoa significativa em sua formação. O fato de o irmão ter ido para Sobral e ter iniciado faculdade antes dos mais novos, foi decisivo na saída da vivência do campo para a cidade. Assim como o pai rompeu com a cultura local de enviar os filhos para a escola, o irmão decidiu que eles deveriam almejar o Ensino Superior e não mediu esforços para que isso acontecesse. Então, verifica-se que o estudo foi prioridade na família e a ajuda mútua foi importante. Ela ainda lembra quando o irmão mais velho lhe disse: “Você vai fazer um dos vestibulares mais difíceis da UVA”. Nesse momento ela manifestou sua dúvida: “Então, eu não vou passar!”. Então, seu irmão, auto-confiante, lhe transmite esse sentimento e ela passa a acreditar que é possível ser aprovada no primeiro vestibular que se submeteu. E foi isso que aconteceu posteriormente. Inicia, com apoio da família e neste momento, principalmente, com o irmão, a construção de um sonho.

Na trajetória de Maria que o estudo foi prioridade. Igualmente, a ajuda mútua, solidária entre os membros da família marcaram sua trajetória. O percurso do irmão mais velho foi importante para compartilhar experiências vividas por ele e compartilhadas com os irmãos mais novos. Portanto, verifica-se que estes dois fatores foram imprescindíveis à sua mobilidade social que iniciou no trabalho infantil no campo e a levou ao acesso do Ensino Superior.

O processo de permanência no Ensino Superior: o enfrentamento de preconceito e discriminação

Depois da comemoração da aprovação no vestibular, da visita ao Campus para conhecer o local onde estudaria. Quando ingressou na universidade, Maria enfrentou vários obstáculos. O primeiro foi o pagamento da matrícula dela e do irmão (na época, em torno de cem reais). Posteriormente, descobriu que o

curso de Enfermagem funcionava em tempo integral e que teria dificuldade de conciliar estudo e trabalho. Ela precisava trabalhar, ajudar a pagar as contas. Ela conta que sentiu desespero. Então, os irmãos reuniram-se pra conversar. Ela disse que ia trancar umas disciplinas para trabalhar. E José decidiu que ela não iria trabalhar e que eles iriam assumir as despesas da casa. Esse fato não foi aceito com tranquilidade por ela. Mas, ao mesmo tempo, esse é um dos fatos presente em sua narrativa que sinaliza o traço de solidariedade entre a família. Ela conta que:

Eu sabia que isso ia pesar para eles, porque eles ganhavam pouco. Eu aceitei o desafio e disse tá bom eu vou só estudar. Mas eu sabia que ia pesar porque além dos gastos aqui em casa tinha as despesas na faculdade: as apostilas, os trabalhos e tudo mais (merenda, transporte). Eu passava o dia inteiro na faculdade. E então, eu pensei: eu vou ter que enfrentar. E fui em frente. Foi dando certo. Meu irmão pagava uma conta, eu pagava outra, se a gente não sentasse, se reunisse, a gente chorava muito, às vezes, meu pai tinha que vir aqui em Sobral e todo mundo junto buscava uma solução.

Nos primeiros dias de aula, a interação difícil com os colegas, Maria chega à conclusão que o curso de Enfermagem era um curso elitizado. Ela narra o sentimento de que: “Quando eu cheguei na Enfermagem eu me senti, por incrível que pareça, invadindo o espaço do outro, que o espaço não era meu: “O que eu estou fazendo aqui, meu Deus?”. Foi assim que eu me senti. Mas, depois pensei: é um espaço que é meu! Que eu conquistei! Mas, mesmo assim, pela pressão da sociedade, das pessoas, você acaba sentindo isso”.

Maria expressa o sentimento de exclusão quando afirma: “Eu sempre fui isolada. Mas, eu pensava: “Eu tenho que superar isso a cada dia, eu tenho que mudar, eu tinha que existir aí”. Atribui a exclusão sofrida pelos colegas à sua origem sócio-econômica:

Na minha turma, eu era a única que era assim, do interior, que tinha estudado em escola pública e eles sabiam, as pessoas sabem, eles se comunicam. Quando você faz parte de um mundo elitizado eles te querem como amiga, mas quando você não faz parte deste mundo, você é isolada.

Junto com a exclusão, havia a manifestação das diferenças de condições, de *status*. “Eles diziam que tinham emprego garantido, meu pai é vereador, meu

pai é prefeito. Você tem alguém que é político na sua família? Eu dizia: “Eu não tenho, não conheço ninguém que é político.”

O preconceito vivido por Maria era explícito nas atividades em sala de aula. Ela narra que: “às vezes as pessoas não queriam formar grupo comigo na sala de aula, eles não queriam que eu participasse das equipes porque eles conheciam a minha história, eles sabiam que eu vinha de escola pública e tudo mais e também eu não era a primeira da turma, nunca fui, eu tinha as minhas limitações, é claro, é um curso de um nível (de estudo) muito alto, eu tive que “ralar” bastante para acompanhar, eu não tinha as melhores notas e por isso a gente acabava sendo excluído pelos outros colegas e também tinha aquelas histórias de... eles saíam muito pra balada, e eu não gostava porque eu tinha um foco, eu tinha que estudar.

No entanto, ela nunca foi totalmente passiva à essa situação. A personalidade forte do pai lhe ensinou a não bater de frente com ninguém, mas, ao mesmo tempo, lhe impulsionou a ter confiança em si mesma. No terceiro período, ela conta que: “eu estava dividindo as equipes, e eles dividiam por ordem alfabética e ai quer queira, quer não eu tinha que ficar em alguma equipe e ai nós estávamos dividindo o assunto, os colegas, engraçado, hoje eu sou amiga de todos, e a gente tava dividindo o assunto e um colega disse: “Dá a parte mais fácil pra ela não prejudicar a equipe”. E ai eu respirei fundo e disse: “Não. Eu vou ficar igual aos outros. E eu não aceito que seja dividido assim. Vamos fazer um sorteio”. Ai a gente fez o sorteio e a gente apresentou e eu fui a única pessoa da equipe que conseguiu tirar dez na apresentação. E ai já teve uma mudança.

Outro momento significativo no curso ocorreu no quinto período, durante uma disciplina muito difícil (patologia), e na turma de quarenta alunos a metade dos alunos foi reprovada. Ela pensou: “Como é que eu vou lidar com essas pessoas, vai ser difícil de mais?”. Aqui, percebemos a solidez na formação recebida por Maria. A influência de uma educação baseada na cooperação e não na competição. Ela não expressa satisfação egoísta de ter adiantado no curso em relação aos colegas.

Mas o preconceito sofrido não foi apenas por parte dos colegas. Alguns professores também discriminavam e tinham um discurso contraditório. Segundo Maria: “Às vezes, tinha professores que diziam que a Enfermagem não era pra todo mundo, não era pra aluno de escola pública porque o curso tem um nível alto porque pra lidar com vida tinha que ser uma pessoa muito preparada.

Outras vezes, eles diziam que era pra todo mundo, mas, na verdade o curso não era. Eles diziam que tinham as pessoas certas para o curso”.

No quinto período, através da relação com uma das professoras do curso, na experiência de bolsista de iniciação científica, inicia uma mudança significativa em sua vida acadêmica. Ai encontra-se uma das funções sociais da universidade: a inclusão através da pesquisa. Na relação com a orientadora, ela fortalece sua formação acadêmica porque as exigências da orientadora lhe fazem estudar mais. Essa experiência frutifica em artigos escritos, apresentação de trabalhos, etc. Outro fator de mudança foi “Aprender a dizer sua palavra”: Ela conta que: “a professora era muito rígida, ela me cobrava muito, e isso foi muito bom pra mim, porque ela sempre falava assim: “Maria , eu falo com você e você só escuta, tem que falar, responda também.” E ai eu voltava no tempo porque meu pai dizia que era só pra eu escutar. Ela dizia, você está certa mas, fale eu quero saber a sua opinião. Eu era muito tímida, nossa!”.

Mas, até esse momento, seus colegas a viam como uma “estranha no ninho”, alguém fora do lugar. E comentavam preconceituosamente: “Mas por que a Maria é bolsista, afinal a professora orientadora dela é muito exigente”. É a idéia de que ser bolsista de iniciação científica é um espaço reservado a poucos, aos grupos elitizados, dos quais Maria não fazia parte até então. Paradoxalmente, essa experiência provocou a mudança da relação dos colegas com ela: “ai eles começaram a se aproximar de mim porque eu ajudava a fazer os trabalhos, os colegas não gostavam disso, eles não sabiam fazer, e eu sabia e gostava de fazer e ai eles começaram a se aproximar”. Os mesmos colegas que contavam vantagem em ter políticos importantes em sua família para obter emprego depois da formatura parece que não tinham motivos para estudar com afinco.

Segundo Josso (2004), momentos-charneira são momentos transformadores na história de vida de uma pessoa. São aqueles que rompem com o ciclo vivido até então, em que não podemos voltar atrás, marcando um período de ruptura e transformação na vida. Durante seu período de permanência no curso seletivo, Maria vive a influência significativa de pessoas charneiras: seu irmão mais velho e sua orientadora de iniciação científica. Cada um deles, em sua dimensão – familiar, afetiva, acadêmica – ajudou a ladrilhar os caminhos de Maria. Junto com as pessoas, houve momentos charneiras. No terceiro período, quando a maioria da turma reprova e ela é aprovada em uma disciplina importante. No mesmo período, ela se nega a ficar com a parte mais fácil do

conteúdo e exige que seja feito um sorteio para a apresentação do mesmo. E no quinto período, como bolsista de iniciação científica.

Durante esses momentos percebe-se as estratégias utilizadas por Maria. Ela é aprovada numa prova objetiva e seus méritos acadêmicos se destacam; da mesma forma, ela supera a designação do pai de não enfrentar ninguém e se impõem por seu caráter firme e sólido, igualmente apreendido pelo pai, e rejeita ficar com a parte mais fácil do conteúdo, negando-se a ser a mais fraca. Subliminarmente Maria diz aos colegas que quer ser valorizada aos olhos dos outros e se coloca como sujeito da ação. Rejeita ser *outsider* e luta para ser estabelecida. Tenta deixar de ser a “estranha no ninho”, a estigmatizada, para pertencer ao grupo estabelecido.

O processo de conclusão do ensino Superior e inserção no mundo do trabalho

E a menina pobre que não tinha emprego garantido, começou a se destacar nos estudos e os colegas foram procurá-la com seus carros, em sua casa, para ela ajudá-los em seus trabalhos na faculdade. Ela mantém a postura simples e dócil apreendida pela mãe. Inicialmente se nega a ajudar os colegas, alegando que não sabia. Mas, com a insistência, ela ajuda, mas não aceita pagamento: “eles queriam pagar e eu não queria porque acabava confundindo porque as vezes as pessoas pensam que você está “fazendo” a monografia, e eu não gostava disso. Mas eu contribuía porque eu gostava de contribuir e ai eles foram se aproximando.” Depois, muitas pessoas chegavam pra mim e disseram que elas não acreditavam em mim. Uma pessoa me disse isso: “Maria, eu achava que você não ia passar do segundo período. Hoje você está aqui e eu admiro você, eu acho que é importante”.

A apresentação da monografia e a formatura foram momentos que selaram a transformação vivida dentro do curso. No dia da apresentação do trabalho de conclusão de curso, estavam quase todos os colegas presentes na sala. E, na formatura, os colegas perdoaram sua dívida e ela passou a pagar quando tinha condições (através da bolsa recebida) e foi muito emocionante, porque ela reuniu todas as pessoas significativas em sua vida: “todo mundo veio, meu pai, todo mundo chorando, minha orientadora de iniciação científica estava lá. Foi muito bom. Muito difícil”.

No início da carreira ainda havia pedras no caminho. Ela narra que teve vários concursos no ano anterior da formatura e no ano que terminaram o

curso foi um período de eleições. Ela expressa assim a angústia vivida naquele momento: “Pronto, vou ficar sem fazer concurso, sem trabalhar”. A angústia aumentava quando ela ouvia dos colegas que eles tinham emprego garantido, além de terem carro, moto. Então, quando faltavam dois meses para a formatura e todo mundo dizendo que estavam com seus empregos garantidos, seu pai lhe dizia: “minha filha, não se preocupe, Deus providencia”.

Então, aconteceu uma seleção na Santa Casa. E Maria “balançou”: “Não estou estudando, não vou fazer”. Mas, segundo ela, sofreu pressão das pessoas para se submeter à seleção. Foi aprovada, tirou o primeiro lugar e começou a trabalhar dois meses antes da formatura e antes de todos os colegas que diziam que estavam com o emprego garantido. Já trabalhando na Santa Casa, ela conta que: “O meu chefe na Santa Casa me chamou, disse que viu meu trabalho durante esses dois anos e me chamou pra coordenar o serviço, e, hoje elas estão ainda mais espantadas, em contrapartida, as pessoas hoje me respeitam, mas ainda há preconceito”.

Durante a entrevista para emprego na Santa Casa, Maria “fecha o círculo” formativo entre os valores apreendidos pelo pai (e a família) e o ambiente de trabalho que passou a assumir posteriormente. Vejamos:

Ai as pessoas na hora da seleção de candidatos na Santa Casa me perguntaram quais eram meus planos. Eu disse que minhas coisas são à longo prazo, não sou imediatista. Eu contei na entrevista da Santa Casa uma história do meu pai: “Eu estava de baixo de uma mangueira, comendo uma manga e meu pai chegou na hora e disse assim. Olha minha filha, essa mangueira eu plantei faz muito tempo, você era bebê ainda quando eu plantei e agora você já está comendo a manga. Vamos plantar ali algumas coisas. Eu disse, pai pelo amor de deus, se acha que eu vou plantar para esperar pra daqui a dez anos. Ai ele sentou e deu uma lição. Olha, aqui na roça eu planto muita cana-de-açúcar pra colher com dois anos, você ta querendo colher no dia seguinte? E disse coisa. Ai a gente foi plantar cana com ele – horrível plantar cana – e ai ele dizia assim: daqui a dois anos eu vou colher. Ai, meu pai, daqui a dois anos tem que ter muita paciência. Menina, com é? Dois anos está ai, daqui a pouco ta ai. Depois de dois anos, ele disse, é o pessoal que disse que dois anos eram muito, era longe, tai os dois anos, já se passaram. Toda vez era a lição. E está dando certo na Santa Casa. É muito bom”.

Durante uma conversa com a colega de trabalho, Maria conta que:

Depois de tudo isso, de toda uma vida de esforço, as pessoas ainda perguntam: quem colocou você aqui? Eu conversando com uma colega, semana passada, eu disse que estava enfrentando muitos problemas na Santa Casa porque eu era recém-formada e lá tem problemas grandes de administração e eu estava enfrentando e não estava conseguindo estudar, eu desabafando com ela alguns problemas. Ai ela disse: Bem, você vai enfrentar muitos problemas mesmo Maria. Primeiro, porque você é negra. Segundo, porque você tem o cabelo ruim (a gente almoçando!) e na Santa Casa você é vista como uma enfermeira que é protegida.

Nesse momento charneira, Maria conta que, pela primeira vez na minha vida conseguiu responder à alguém:

Eu não aceitei. Naquele momento, eu fiquei muito chateada. Ai eu disse você é minha amiga, mas você não conhece o meu trabalho. Eu estou na Santa Casa há dois anos e são dois anos de muita dedicação. Preconceito. E isso eu sei que vou enfrentar sempre, na minha vida inteira. Ainda é assim, as pessoas me falam isso.

No final de seu percurso acadêmico, Maria enfrenta preconceitos que em certos momentos são indiretos e em outros são diretos. Quando sua colega pergunta espantadamente como ela conseguiu chegar onde chegou, ou seja, como ela conseguiu concluir um curso seletivo e se inserir no mercado de trabalho antes dos colegas estabelecidos, verifica-se uma admiração velada que na verdade expressa um preconceito na forma da indagação. Fica subentendido que a colega quis perguntar como Maria deixou de ser *outsider* para se transformar em estabelecida. Então, Maria expressa seu conflito interno, de se sentir como *outsider* mesmo tendo atingido o *status* de estabelecida.

Considerações finais

Hoje, eu olho pra trás e vejo que tudo é possível, as coisas são possíveis, basta a gente acreditar, a gente ter um foco. Acho que atribuo (a minha conquista) ao incentivo da família, hoje em dia, muitas pessoas não têm esse incentivo. Eu estou feliz, muito feliz porque eu consegui dar a volta por cima, graças a deus! Foi muito difícil...

Com esta fala de Maria, concluímos que o processo de formação recebida de seus pais formou seu caráter, sua personalidade, no contexto do campo. O acesso ao Ensino Superior de deu devido à solidariedade na família, através de valores tais como, ruptura com a cultura local, disciplina, perseverança, desejo de lutar, meiguice. Então, a força de superação que ela narra vem da formação vinda das experiências na infância.

Na permanência no Ensino Superior, Maria sofre preconceito e discriminação, mas, ao mesmo tempo, inicia seu processo de mudança de *status* de *outsider* para estabelecida. Na dialética do enfrentamento de situações preconceituosas e discriminadoras entre colegas e professores elitizados-estabelecidos, Maria se apóia em seu caráter formado com valores sólidos, no apoio recebido da família, principalmente do irmão mais velho que tornou-se um segundo pai em Sobral e de professoras do curso que possuíam outro olhar.

Na conclusão do Ensino Superior, Maria não perde a transição entre o término do curso de Enfermagem e a inserção profissional como enfermeira na Santa Casa. Com esse fato, Maria cresce aos olhos de seus colegas e professores porque contrariou o destino pré-estabelecido entre a menina pobre, negra, oriunda do campo e da escola pública e seus colegas estabelecidos e com emprego aparentemente garantido. Como Maria iniciou sua vida profissional antes de seus colegas, através de uma seleção pública e sem apadrinhamentos, ela dá um salto qualitativo para o grupo dos estabelecidos.

Na narrativa de Maria, verificamos como ela foi construindo sua trajetória de ascensão social de sucesso. Assim como, o processo de inclusão social por meio do Ensino Superior que permitiu mobilidade social.

Referências

BAUER, Martin; JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Tradução Pedrinho Guareschi. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. p. 90-113.

CATTANI, A. M.; OLIVEIRA, J. F. A educação superior. In: OLIVEIRA, R. P.; ADRIÃO, T. (Org.). *A organização do ensino no Brasil: níveis e modalidades na Constituição federal e na LDB*. São Paulo: Xamã, 2002. p. 56-79.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa, 2004.

OLIVEIRA, Andrade Dalila. A gestão democrática da educação no contexto da reforma do estado. In: FERREIRA, Naura Syria Carapeto; AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Org.). *Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos*. São Paulo: Cortez, 2006. p. 91-112.

PASSOS, G. O.; PEREIRA, S. C. Desigualdade de acesso e permanência na universidade: trajetórias escolares de estudantes das classes populares. *Linguagens, Educação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI*, Teresina, ano 12, n.16, p. 19-31, jan./jun. 2007.

PORTES, E. A. Algumas considerações culturais de trajetórias de estudantes pobres no ensino público: o caso da UFMG. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, DF, v. 87, n. 216, p. 220-235, maio/ago. 2006.

WELLER, Vivian. *Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de entrevistas narrativas segundo Fritze Schütze*. Disponível em: <www.anped.or.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT14-4741—Int.pdf>. Acesso em: 20 set. 2010.

Data da submissão: 30/07/2013

Data do aceite: 21/09/2013